METÁFORAS
DO CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL, DE SAUSSURE

Marlon Leal Rodrigues (UEMS)

marlon@uems.br

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS)

chaves.adri@hotmail.com

Cem anos após sua morte, Saussure continua suscitar artigos e livros se acumulam, em todas as partes do mundo. Porque tamanho interesse por um linguista, no momento em que a Linguística, segundo se diz, está mergulhada no tédio? Porque a longa meditação de Saussure sobre a linguagem e as línguas é uma das mais profundas levadas a cabo até hoje.

(Michel Arrivé, 2010)

1. Introdução

No centenário da morte de Ferdinand de Saussure há um movimento mundial de releitura de sua obra. São inúmeras discussões, reflexões do *Curso de Linguística Geral* – e os manuscritos descoberto recentemente, grupos de pesquisa que se espalham como “o fogo na palha”. Diante disso, vale lembrar que ele utilizou de “metáforas” (PÊCHEUX, p. 301) para ajudar seus alunos a entender a ciência da linguagem que estava nascendo naquele momento. Nesse sentido, as metáforas são formas de transformar no processo de elaboração conceitos de difícil entendimento em noções mais palatáveis. Saussure faz isso muito bem, usando metáforas como a do papel, a do xadrez, a da biologia, a da mecânica, a do método, a da física e tantas outras áreas do conhecimento que contribuíram para que os seus alunos, a princípio, e leitores, *a posteriori*, pudessem entender “verdades” da linguística que em suas aulas tomavam configurações de ciência.

Claro que nem todas são perfeitas, algumas foram e são questionáveis, mas sem dúvida, foram os primeiros recursos disponíveis para elaboração da teoria da linguagem naquele momento histórico. Saussure chega a afirmar que a linguística é a rainha das ciências humanas. Afirmção metafórica que, de Claude Lévi-Strauss a psicologia/neurologia/fonologia, entre todas as demais áreas de ciências humanas, nos ajuda a

entender junto às teorias linguísticas propostas por ele, a reflexão acerca do homem com sujeito “falante”. É possível questionar e até refutar algumas de suas metáforas, mas talvez impossível de negar o quanto elas foram/são didáticas e fruto das primeiras elaborações de uma ciência que em suas aulas se constituía.

2. *Saussure e o Curso de Linguística Geral*

Comentar algo sobre após o seu centenário pode parecer até redundante, mas não é dado a sua importância teórica para a compreensão dos estudos da linguagem e de tudo que dela decorre, pensar o próprio sujeito falante. Se em muitos momentos estudar a língua foi sinônimo de estudo gramatical enquanto apenas regras do bem dizer, com o *Curso de Linguística Geral* em sua linguagem quase que corrente Saussure não apenas funda a ciência da língua, mas, sobretudo contribui para as áreas de humanidades ao propor que é o olhar do pesquisador que cria o objeto. Hoje ao constatar tal fato nos dá o “sentido” (ORLANDI, 2001) de banalidade, simplicidade, pois, parece e é obvio definir uma ciência: delimitar seu objeto em relação aos outros, delimitar seu campo de atuação, defini-lo de forma restrita, propor um método de análise desse objeto para que se tenha acesso ao seu funcionamento e suas características fundamentais, a acima de tudo, descrevê-lo de forma universal situando em relação aos outros objetos do conhecimento do qual faz parte.

Essa orientação metodológica percorre todo o *Curso de Linguística Geral*, discernindo ao definir, comparar, classificar e demonstrar o funcionamento da língua que não se confunde com o estudo gramatical e outras áreas do conhecimento, como a fisiologia, a psicologia entre outras tão bem comentadas por Saussure naquilo que cabe a cada uma delas o estudo do homem na relação com a língua e seu funcionamento. Ainda que muitos aspectos ficaram por definir, aprofundar etc. o gesto fundador foi o suficiente não apenas para o estudos da língua enquanto ciência, mas sem sombras de dúvidas, para toda a área de humanidades cuja definição do objeto foi como uma fórmula “mágica”, uma orientação não tardou a abrir novas perspectivas de construção do objeto, de interpretação e até mesmo metodológicas.

Pode-se considerar que a linguística transbordou a si mesmo não apenas como o campo teórico do estudo das línguas, mas como estudo da linguagem de forma amplo, ou seja, a linguística parte do estudo das lín-

guas e é a ciência que estuda o campo a qual ele pertence: a linguagem de forma ampla e geral.

3. *As metáforas*

Os novos estudos sobre a metáfora a dividem em duas vertentes: a metáfora linguística (estruturando sistemas conceituais a partir da forma como a compreendemos o mundo e como agimos no mesmo), que se materializa verbalmente e a metáfora conceitual, estruturada no pensamento humano (LAKOFF & JOHNSON, 1980). Para Black (1979), as metáforas linguísticas podem ser classificadas como: “mortas” e “vivas”. Sendo a “metáfora morta” uma expressão que não tem mais um uso metafórico.

Pollio, Smith, Pollio (1990) atribuem as seguintes características às metáforas.

- 1- figuras de linguagem não ocorrem frequentemente na fala, escrita ou pensamento;
- 2- o uso figurado tem o papel de ludibriar o pensamento ou de embelezar as ideias prosaicas;
- 3- linguagem figurada, anomalia, tolice, e uso literal são categorias psicológicas que não têm relação com a linguagem;
- 4- a paráfrase de uma figura de linguagem tem o mesmo sentido da figura;
- 5- a linguagem figurada depende ou se origina da forma literal;
- 6- as crianças não entendem o uso figurado até os 11 ou 12 anos;
- 7- há universais figurados nas línguas, nas eras históricas e nos grupos culturais.

Para muitos pesquisadores, a linguagem cotidiana é plena de metáforas, que nem se percebe do uso (COHEN, 1979; LAKOFF & JOHNSON, 1999), o mesmo acontecendo com a linguagem científica.

Com o tempo, os pesquisadores começaram a ver a metáfora como algo importante no processo de entendimento da humanidade e não como um elemento estético (LAKOFF & JOHNSON, 1999).

Neste sentido, a metáfora é uma ponte que liga domínios semânticos diferentes, criando novos caminhos para a compreensão do sujeito,

indo do literal ao abstrato, sendo também uma maneira de expressar o pensamento abstrato usando do simbólico.

Assim a função da metáfora é de estender a comunicação e a conceitualização do ser humano.

Para Pêcheux (1997) a metáfora é um deslizamento de sentido, sendo que esse “é produzido no “*non sens*””, lugar que a metáfora se sobrepõe sobre o sentido, no entanto a sobreposição não acontece sem deixar “marcas e rastros” de sua identificação. Um dizer deslizante significando algo diferente, mas apontando para um outro algo que de fato sempre procurar expressar no jogo da língua enquanto possibilidade de combinação e no jogo do discurso enquanto efeito de sentidos. Nisso, a definição de Pêcheux, é peculiar na medida em que se concebe “uma palavra por outra” em que ocorre o deslizamento para recair sobre o mesmo.

Os conceitos e noções de metáforas aqui abordadas representam o quanto de jogo há no significar os mesmos sentidos com materialidades linguísticas diferentes a despeito dos rituais e processo que as engendram. O processo metafórico diz respeito muito mais a ordem do discurso do que propriamente a ordem da língua visto que em si as palavras não sustentam suas significações e nem demandam efeitos de sentidos, é no processo metafórico que se constrói a tensão entre o que se quer significar de forma deslizante seja enquanto estratégia ou jogo no/no discurso/língua, seja como processo de construção e elaboração de sentidos que pode ser definido como “uma palavra por outra” entendendo metaforicamente.

3.1. Metáfora do aglomerado confuso de coisas heteróclitas (SAUSSURE, 1996, p. 17)

Segundo Saussure “a linguagem tem um lado individual e um lado social” (SAUSSURE, 1996, p. 16), pode ser considerada um todo “multiforme”, uma vez que diz respeito, ao mesmo tempo, a um sistema estabelecido e a uma “evolução”/desenvolvimento. Como o próprio autor afirma, a linguagem

é um aglomerado confuso de coisas heteróclitas sem liame entre si”, o que sugere que, tomada em sua totalidade, a linguagem é incognoscível, ou seja, desconhecida, de difícil explicação e incapaz de fornecer “um ponto de apoio satisfatório para o espírito (SAUSSURE, 1996, p. 16-17).

Sendo a fala, a utilização da língua, ou seja, a que “vem antes da língua e a faz evoluir” (SAUSSURE, 1996, p. 16), aquela que tem caráter individual, momentâneo e heterogêneo, múltipla, imprevisível, irredutível a uma pauta sistemática e que, portanto, não pode ser objeto de estudo da ciência. Já a língua é a parte do estudo da linguagem privilegiado por Saussure.

3.2. Metáfora do cavaleiro de diferentes domínios (SAUSSURE, 1996, p. 17)

Para Saussure, a linguagem pode ser analisada por diferentes perspectivas: “um verdadeiro cavaleiro de diferentes domínios”, ou seja, pode ser matéria de estudo de outras ciências, como por exemplo, a psicologia, filologia e a sociologia. Convém ressaltar que enquanto método, o mestre genebrino nos legou que “o ponto de vista” cria o objeto ao mesmo tempo que a abordagem sobre o mesmo objeto pode ser compreendida por outros domínios mas sem perder a referência do que se é: a linguagem. Após um século do *Curso de Linguística Geral*, as proposições saussurianas encontram vigor em sus concepções não apenas metaforicamente, mas sobretudo, de sentidos.

3.3. Metáforas do contrato e da massa (SAUSSURE, 1996, p. 22)

Conforme o linguista, a língua é “a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude de uma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade” (p. 22). Então, a língua “não está completa em nenhum [indivíduo], e só na massa ela existe de modo completo” (p. 21); ela é, “ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (p. 17). Nesse sentido, as palavras “contrato” e “massa” que de certa forma pertencem ao domínio da direito e sociologia, as palavras se inscrevem metaforicamente no domínio da linguística para significar no processo de elaboração conceitual o quanto a noção de língua vem romper com a concepção de língua enquanto gramática e ao mesmo tempo fundar uma nova proposta e definição de língua e seu funcionamento.

3.4. Metáforas da imagem acústica (SAUSSURE, 1996, p. 23)

Segundo o autor, a língua é “um sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas” (p. 18); é um código, um sistema onde, “de essencial, só existe a união do sentido” e da “imagem acústica” (p. 23). A imagem acústica pode ser interpretada como a forma verbal arquivada na memória e o conceito, como o significado do signo de um modo mais abstrato e, em certo sentido, mais próximo da referência. Há duas questões importantes a destacar metaforicamente. A primeira diz respeito que para compreender a ideia de propagação do som, a expressão “imagem acústica” é uma construção de uma outra área do conhecimento: a física que nesse momento se aproxima do que se quer expressar na definição da produção do som. Já em segundo, a expressão é uma descrição quase que semiótica da produção do som.

3.5. Metáforas do jogo de xadrez (SAUSSURE, 1996, p. 34)

No que concerne à linguística, interna, as coisas se passam de modo diferente: ela não admite uma disposição qualquer; a língua é um sistema que conhece somente sua ordem própria. Uma comparação ao jogo de xadrez fará compreendê-lo melhor. Nesse jogo, é relativamente fácil distinguir o externo do interno; o fato de ele ter passado da Pérsia para a Europa é de ordem externa; interno, ao contrário, é tudo quanto concerne ao sistema e às regras. Se eu substituir as peças de madeira por peças de marfim, a troca será indiferente para o sistema; mas se eu reduzir ou aumentar o número de peças, essa mudança atingirá profundamente a “gramática” do jogo. Não é mesmo verdade que certa atenção se faz necessária para estabelecer distinções dessa espécie. Assim, em cada caso, formular-se-á a questão da natureza do fenômeno, e para resolvê-la, observar-se-á esta regra: é interno tudo quanto provoca mudança do sistema em qualquer grau. (SAUSSURE, 1996, p. 34)

Com a metáfora do jogo de xadrez, o autor afirma que no estudo da linguagem, como em uma partida de xadrez, há dois pontos de observação e interesse possíveis: a perspectiva sincrônica, que se interessa por cada sistema linguístico, no caso do jogo, por cada etapa isoladamente; ou a perspectiva diacrônica, que se interessa pela a dinâmica das transições entre cada sistema linguístico, no caso do xadrez, pela transição de uma etapa para a outra ao longo do tempo do jogo.

A utilização do jogo de xadrez pertencente a ordem do lúdico vem colaborar para abordar os aspectos combinatórios próprios da língua e a possibilidade de fazê-lo sem alterar as estabilidade, no entanto, se essa estabilidade for alternada, altera-se todo um sistema de jogo que logo encontra o seu ponto e equilíbrio e funcionamento.

É possível constatar o funcionamento do jogo de xadrez em seus aspecto lúdico em relação ao funcionamento da língua em sua forma lúdica de expressar ou mesmo na coloquialidade. Talvez a metáfora do jogo de xadrez seja a que melhor representa alguns dos aspectos de funcionamento da língua no processo de elaboração teórica e conceitual do *Curso de Linguística Geral*.

3.6. Metáforas comparativas: astronomia, geologia e direito

A astronomia verificou que os astros sofrem mudanças notáveis; não está obrigada, por isso, a cindir-se em duas disciplinas (p. 94);

A geologia raciocina quase constantemente acerca das sucessões (p. 94);

Existe uma ciência descritiva do direito e uma história do direito; ninguém opõe uma a outra (p. 94).

Saussure para explicar alguns dos aspectos do funcionamento da língua em uma tentativa de definir a linguística enquanto ciência, mas ao mesmo tempo sem dividi-la em partes distintas, mas apenas com partes distintas que compõem um todo, a utilização do processo metafórico da astronomia, geologia e do direito representa uma disciplina mesmo que tenha perspectivas diferentes e aparentemente paradoxais, não quer dizer que represente disciplinas distintas, mas “faces” e perspectivas distintas sem serem contraditórias ou incoerentes entre si. Ao abordar as faces distintas da astronomia, geologia e direito, pode considerar que para uma disciplina que está em processo de definição, algo “novo” que emerge como “acontecimento” (PÊCHEUX, 2001) necessita de descrições, definições coerentes no moldes das disciplinas com certas estabilidades de funcionamento e descrição de seus múltiplos aspectos, ora, uma definição de um de seus aspectos não pode em alguma medida contradizer outros. É nesse sentido que a metáfora da astronomia, geologia e direito vem como argumento referencial que para conceber que os aspectos sincrônicos e diacrônicos da língua não são contraditórios, mas formas de se abordar a língua.

4. Considerações finais

Após um século de publicação do *Curso de Linguística Geral* ainda se faz de forma ritualística o retorno ao Mestre, não naquilo que

deixou de definir ou abordar, mas sobretudo naquilo que ele abordou e definiu, seja de forma metafórica conceitual em suas aulas que foram compiladas por seus alunos, ou nos seus manuscritos que nos apresentam um outro Saussure. Apesar de todo o desenvolvimento da linguística atualmente e sua multiplicação em tantas disciplinas quantas são as indagações dos diversos aspectos da língua e seu funcionamento, ainda voltamos ao mais elementar, no caso deste texto, tentar compreender a utilização e significação das metáforas no processo de elaboração teórica de uma disciplina.

Definir e conceituar algo que de alguma forma é de conhecimento compartilhado, há de se considerar que o esforço intelectual depreendido atinge outra instância de elaboração e explicitação, no entanto, quanto se trata de algo que apenas o pesquisador está elaborando/se deparando em seu processo de reflexão e síntese, também há de se considerar que algo que ainda não existe e precisa de descrições, definições, comparações, elucidações e mesmo uma nomenclatura apropriada, isso não se faz sem ter outras áreas do conhecimento como referência, é nesse momento que a metáfora enquanto “uma palavra por outra” no processo de deslizamento de sentido para tentar significar algo que nasce, mas não é qualquer significação, estamos nos referindo ao nascimento de uma disciplina e como tal, as metáforas não podiam e nem poderiam serem sofisticadas de um lado, um forte argumento de autoridade do outro, pois, se contestar o objeto metaforizado, deve-se também questionar o objeto que serviu de base para a metaforização.

Nesse sentido, as metáforas aqui elencadas e comentadas, podem nos ajudar as compreender não necessariamente a linguística enquanto ciência, mas o processo de elaboração, definição, conceituação de que se valeu Saussure para dizer algo da língua que provocou uma ruptura de quatro séculos de concepção de língua desde Arnauld e Lancelot.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLACK, M. More about metaphor. In: ORTONY, A. *Metaphor and thought*. CUP, 1979.

COHEN, Ted. Metaphor and the cultivation of intimacy. In: SACKS, S. (ed.). *On Metaphor*. Chicago: The University of Chicago, 1979.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago, 1980.

ORLANDI, E. P. *Discurso e texto*. Formulação e circulação dos sentidos. São Paulo: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M. *Semântica discursiva*. Uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997.

_____. *O discurso, estrutura ou acontecimento*. 3. ed. São Paulo: Pontes, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 1996.